

**DISCURSO DE AGRADECIMENTO PARA A OUTORGA  
DO TÍTULO DE DOUTOR HONORIS CAUSA DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GÉRIAS**

**Magnífico Reitor, Jaime Arturo Ramírez;**

**Excelentíssima Vice-Reitora, Sandra Regina Goulart  
Almeida;**

**Professor Mauro Chantal;**

**Senhora Diretora da Escola de Música, Mônica Pedrosa  
de Paula;**

**Senhora vice-diretora da Escola de Música, Cecília  
Nazaré de Lima;**

**Senhores membros da Congregação da Escola de  
Música e do Conselho Universitário.**

**Autoridades presentes,**

**Familiares e amigos,**

**Senhoras e Senhores,**

Receber o título de ***doutora honoris causa***, a maior honraria da Universidade Federal de Minas Gerais, é pra mim motivo de grande orgulho e satisfação. Agradeço ao eminente professor Mauro Chantal pela indicação e a todos os membros do Conselho Universitário e da Congregação da Escola de Música que o aprovaram.

A partir dessa indicação, pude revera minha trajetória de vida artística, iniciada ainda muito jovem, e pude perceber que, de fato, posso sentir orgulho pelo que represento na música brasileira e internacional.

Desde a infância, os jornais se interessavam por aquela menina que fazia versos e entendia coisas. “Enquanto as outras brincam com bonecas, Maria Lucia, uma garota de 7 anos, faz versos modernistas”, dizia uma das notas. Em minha carreira artística, gravei 16 discos e escrevi quatro livros infantis, todos com temas ecológicos: “Ninguém reparou na primavera”, “O boto cor de rosa”, “Fruta no pé” e “Um passarinho cantou”. Alguns desses versinhos foram musicados e fazem parte do meu novo CD “Acalantos”, que será lançado ainda neste ano.

Essa minha inclinação para as letras foi altamente reforçada quando aqui na UFMG, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, me formei em Línguas Neolatinas, o que muito me ajudou na interpretação e pronúncia de músicas estrangeiras. Aqui, tive o privilégio de obter conhecimentos essenciais sobre os mais diferentes temas, por renomados professores, entre os quais, gostaria de citar Eduardo Frieiro, grande mestre. A UFMG foi um tempo de muito aprendizado e de muitas amizades.

Minha primeira aula de canto foi com a professora Honorina Prates. Comecei a cantar na Igreja de Lourdes, onde muitos fãs apareciam na missa das 10. De lá, saíamos para o Minas Tênis Clube, na conhecida “Missa Dançante”, frequentada por muitos intelectuais da época, entre os quais o poeta Paulo Mendes Campos, que mais tarde veio a escrever a apresentação do meu disco “Maria Lucia Godoy canta poemas de Manuel Bandeira”.

Com a fundação do Madrigal Renascentista, iniciada na casa de meus pais, fui a principal solista. Mais tarde, nos Estados Unidos, a poetiza Dora Vasconcelos, amiga de Villa-Lobos, conseguiu-me uma audição para um dos maiores maestros da época: Leopold Stokowski, com o qual fiz minha estreia no Carnegie Hall de Nova York. Emoção rara. Dele recebi um dos maiores elogios da minha vida: “Não apenas a beleza da voz, mas uma interpretação criadora! Uma artista!”

Foram incontáveis apresentações pelo mundo, incluindo os países da Europa, Oriente Médio, Japão, EUA, América Latina. Fui solista com as principais orquestras internacionais e brasileiras, como a Philadelphia Orchestra e a Orquestra Sinfônica Brasileira.

Reconheço com orgulho quando interpretei as Bachianas Nº5 de Heitor Villa Lobos, nos Estados Unidos, e ouvi de Bidu Sayão que seria eu sua única sucessora. Sinto-me igualmente feliz por fazer parte da história da música como uma das intérpretes mais constantes de Villa-Lobos, notável compositor.

Mas o que me deixa mais orgulhosa ainda é a minha participação na vida cultural do meu país. A convite de Juscelino Kubistchek fui chamada para cantar na inauguração de Brasília. E foram também muitas vezes que, pelos becos e ruas de Diamantina, junto ao querido presidente e com a participação do povo da cidade, cantei serestas inesquecíveis. Mas chegou o dia da despedida, quando faleceu o grande JK. Cantei-lhe então sua seresta preferida “É a ti flor do céu”, o que emocionou a todos os presentes

Durante 11 anos, escrevi uma coluna dominical no jornal “Estado de Minas”. Sempre fui ligada às questões ecológicas, na defesa pela preservação da natureza. Numa dessas crônicas, lamentava a derrubada de uma montanha em Belo Horizonte. Era assim:

**“Como era bela a montanha, que de longe eu contemplava no exercício dos sonhos da minha vida menina.**

**A montanha era a constante, a firme e azul segurança, o colo de minha mãe. Meu olhar transpunha os ares, fui à procura dos mares, disse adeus, a vista turva, fui procurar meu viver.**

**Voltei. Mas que aflição tamanha, no longe azul da montanha, nada havia em seu lugar.”**

Um momento marcante foi quando ouvi de Tom Jobim que a música “*Sabiá*”, de autoria dele e de Chico Buarque, fora dedicada a mim.

A mim, não importa apenas o reconhecimento de minha arte pelos grandes artistas e políticos, nem pelo público seleto que costuma frequentar concertos e óperas, mas, sobretudo, pelo povo do meu país, que quando tem oportunidade sabe reconhecer a outra face da arte.

Após um concerto público em uma praça em frente ao Teatro Municipal do Rio de Janeiro, um gari se aproximou de mim e, emocionado, exclamou:

**Dona, sua voz é paz no coração, sua voz é o silêncio do mundo!**

Recebi inúmeros prêmios, medalhas, homenagens, mas ser agraciada com o título de *doutora honorisdeixa-me*, além de orgulhosa, intensamente comovida. Agradeço, sinceramente, esse título que jamais almejei. Reitero meus agradecimentos a todos, especialmente ao professor Mauro Chantal que o sugeriu.

Sinto-me honrada por fazer parte da cultura do meu país, sempre buscando fazer da música uma ponte para a sensibilidade, para o crescimento humano, para o encontro com as mais profundas raízes artísticas.

Sou cidadã brasileira, mineira da gema, amante da música, da arte, das letras, mas, além de tudo, parafraseando Márcio Borges e Fernando Brant, em uma de suas fabulosas canções: “Sou do mundo, sou Minas Gerais.”

Quando cerro os olhos vem-me à memória a casa com meus pais, meus irmãos, e daquelas noites quando os amigos chegavam e, ao som dos violões que apareciam, fazíamos serestas até altas horas da madrugada. Para terminar, se me permitem, vou declamar um dos meus poemas, que fala exatamente dessa lembrança saudável daqueles tempos da jovem Belo Horizonte.

## **SERENATA EM MINAS GERAIS**

**Abria a janela e olhava o longe azul das montanhas  
Sino da Igreja de Lourdes batia a Ave Maria  
Fazia em nome do Padre, o horizonte incandescia  
E minha alma se escondia no ouro do sol morrente**

**Um cheiro bom de guisado se evolava da cozinha  
E minha mãe me chamava, na mesa posta, as terrinas  
Feijão grosso, angu, torresmo, lombinho de porco  
assado  
Couve picada fininha  
De sobremesa, arroz doce, de cidra e queijo de Minas  
Pra completar, cafezinho quente e ralo, assim convinha**

**Na cabeceira da mesa meu pai, voz grossa e macia  
E a conversa se fazia, sobre tudo se falava  
Meus irmãos tumultuavam, cinco homens, cinco  
meninas  
Minha mãe olhava tudo, de vez em quando sorria**

**Na neve do jasmineiro a noite se embranquecia  
Amigos vinham chegando, violões apareciam  
Já nascia a madrugada mas dormir ninguém queria  
Nos queixumes de uma voz outras em coro se uniam  
E a serenata acendia  
Ouro esquecido de estrelas nos céus de Minas Gerais**

**Oh, Minas Gerais! Oh, Minas Gerais!  
Quem te conhece não esquece jamais  
Oh, Minas Gerais!**

Muito obrigada!

Maria Lucia Godoy

